

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO¹

Ana Cristina Belles Monteiro¹

Sonia Santos Silva²

Jussara Guedes²

Meri Lourdes Bezzi³

1. INTRODUÇÃO

Este artigo, apresenta-se sob um prisma de reconhecimento e esclarecimento teórico, no qual aborda-se as várias etapas da evolução do pensamento geográfico, desde a pré-história até a atualidade. Tal abordagem caracterizará acontecimentos históricos, concepções, ideologias, paradigmas, dicotomias e pensadores. Enfim, todo o relacionamento desta ciência com o mundo em sua totalidade. Assim, o objetivo primordial deste trabalho é divulgar a evolução do pensamento geográfico, para que o mesmo seja refletido em seu passado, presente e tendências futuras.

Deste modo, segundo Lacoste apud VESENTINI (1989:9):

"Faz somente, uns vinte anos, que começamos a nos preocupar com a falta quase total, de reflexão teórica, na corporação dos geógrafos universitários. Enquanto esta disciplina, deveria ter iniciado amplos debates epistemológicos, ao menos por sua posição na confluência das ciências naturais e das ciências humanas e pelo número de 'empréstimos' que ela fez a essas múltiplas ciências, os geógrafos propalaram um desprezo pelas 'considerações abstratas' e freqüentemente se gabaram de um 'espírito terra a terra' (...) Daí resulta que a existência dessa geografia, mesmo sob a forma modesta e criticável de um saber institucionalizado com a pretensão científica, coloca em xeque esse corte fundamental entre a natureza e cultura, corte este que determina, no ponto de partida, a organização do sistema das ciências".

¹ Trabalho apresentado na disciplina "Teoria e Processos" do Curso de Especialização em Geociências/CCNE/UFSM.

² Alunos do Curso de Especialização em Geociências/CCNE/UFSM.

³ Professora do Departamento de Geociências/CCNE/UFSM.

2. DESENVOLVIMENTO

O surgimento do homem, trouxe consigo o aparecimento da própria Geografia. Pode-se dizer que a Geografia é tão antiga quanto o homem devido a sua importância para o mesmo, quer na conservação, quer no desenvolvimento da espécie.

Para a nossa sobrevivência a Geografia foi imprescindível, uma vez que, o homem precisava coletar alimentos na natureza, dominar e conviver com seus inimigos naturais, comunicar-se com seu próximo, conquistar novos horizontes. Assim, as idéias geográficas são intrínsecas ao homem desde os seus primórdios, ou seja, não vieram após o surgimento humano e nem antes; as idéias geográficas nasceram com o próprio homem e são para as sociedades questão de sua própria sobrevivência. Tal fato é presenciado nas sociedades primitivas, as quais retiravam da natureza tudo o que era imprescindível à sua existência. Esse é o chamado período Pré-Científico onde, segundo ANDRADE (1987:20),

"... eles, mesmo sem possuírem a escrita, transmitindo os conhecimentos através da versão oral e dos desenhos em rochas e em cavernas, passadas de geração a geração, tinham uma concepção de vida e uma cultura, ambas impregnadas de idéias geográficas".

Sabe-se que os povos primitivos eram obrigados a adotar grande mobilidade por questão de sobrevivência, devido às suas atividades guerreiras, de caça, de pesca, e de coleta. Era preciso referir a direção e as distâncias percorridas. Essas referências possibilitaram o surgimento dos "mapas", sendo os primeiros muito característico do momento histórico. Segundo Rainz apud BEZZI & MARAFON (1992:12), "*Fazer mapas é uma aptidão inata da humanidade*".

Entre os povos primitivos que registraram o espaço, destacam-se os povos das Ilhas Marshall, os esquimós, os astecas, os babilônios, os incas e os povos polinésios, entre outros.

Outras sociedades sucedem aos primitivos, desenvolvendo cada vez mais as idéias geográficas. A começar pelos orientais que deram origem ao conhecimento

sistemático do mundo, relacionando práticas de exploração e observação com a sistematização de pensadores, filósofos e matemáticos. Do ponto de vista qualitativo, os gregos contribuíram significativamente no campo da Geografia matemática, ligada à cartografia e às observações astronômicas, e da Geografia descritiva. Entre os escritores, pode-se salientar Homero com seus poemas *Ilíada* e *Odisséia*; Estrabão com seu livro de 17 volumes, denominado *Geografia*; Aristóteles que elaborou e abordou vários temas desde a esfericidade da terra até relações entre a sociedade e natureza; e Ptolomeu com sua obra *Sintaxi*.

A Geografia dos romanos estava centrada na descrição, uma vez que, necessitavam monopolizar o espaço que haviam conquistado, através da exploração e da dominação cultural e lingüística. As contribuições gregas e romanas foram muito importantes para a ciência geográfica, pois uma complementava a outra.

A Idade Média (séculos XII a XIV) entra no cenário geográfico como um retrocesso, bem como nas demais ciências. Este momento histórico caracterizou-se pelo desfacelamento do Império Romano, da divisão entre reinos bárbaros, da expansão do Islamismo, da pressão Turca no oriente, da progressiva queda do Império Bizantino e da instituição do Cristianismo como religião oficial de Roma (século VI). Os princípios bíblicos do Cristianismo estagnaram e delimitaram a cientificidade do conhecimento, retomando-se, assim, antigas teorias.

Salienta-se também a expansão árabe, que sob bases religiosas do Islamismo, passaram a fazer guerras para a conquista de terras do Império Bizantino, na Ásia Menor e no norte da África. Porém, o Império Árabe desmembrava-se, sendo dominado pelo Império Turco. Este, por sua vez, passou a conquistar as províncias orientais do Império Árabe e, finalmente, no século XV, conquistaram Constantinopla, destruindo o intercâmbio comercial entre árabes e cristãos, via Mediterrâneo. Mesmo assim, a guerra proporcionou a consolidação do relacionamento entre povos, que anteriormente haviam estado sob domínio de um mesmo Império, o Romano.

Os povos nórdicos, na Idade Média, contribuíram para o restabelecimento do espaço através de seus relatos, experiências e viagens marítimas, estas pioneiras na região de clima frio. Descobriram ilhas e estabeleceram colônias.

No período medieval foram também realizadas as grandes viagens marítimas, cujo objetivo geral era a descrição de aventuras, excluindo a cientificidade. Mas, mesmo assim, com este intuito, foram descobertos e descritas várias regiões, em seus aspectos físicos e humanos. Salienta-se, também, a necessidade de aperfeiçoamento dos mapas utilizados nas grandes viagens, uma vez que, necessitavam de maior exatidão, objetivando o desenvolvimento comercial. Havia também preocupações com as medidas de latitude e longitude, o que implicou no aperfeiçoamento do astrolábio, da bússola e de todo equipamento de bordo. Destacam-se, nessa fase, os padres Alberto Magno e Tomás de Aquino que retomaram ideários gregos e romanos, renovando as idéias de Aristóteles.

No final da Idade Média a burguesia achava-se em contraposição aos senhores feudais, uma vez que, começa a ostentar o poder pela expansão do capitalismo. Onde, segundo ANDRADE (1987:37),

"A influência da burguesia permitiria o crescimento das cidades com funções comerciais, daria maior importância ao dinheiro em relação à propriedade de terra e desagregaria a vida feudal, fazendo com que servos libertos passassem à condição de assalariados na indústria manufatureira recente."

A burguesia necessitava ampliar o seu domínio e conhecimento, através de uma fundamentação concreta, que realizou-se na pretensa unificação de nações.

O enriquecimento da ciência geográfica deve-se, em parte, a essas expedições de cunho expansionista que colaboraram com variadas informações, sendo essas econômicas, sociais, culturais, geológicas, climáticas, como também oceanográficas, abrangendo tanto aspectos físicos como humanos.

A fase de transição entre o Feudalismo e o Capitalismo caracteriza-se pela reestruturação do sistema político, social e econômico, onde a burguesia evoca a

cientificidade, consolida-se e institui o capitalismo comercial. Destacam-se as obras de Bernard Varenius (*Geographia Generalis*) com importância para o desenvolvimento do pensamento geográfico nos séculos XVII e XVIII; Cluverius (*Introdução à Geografia Universal*), abordando assuntos referentes à Geografia matemática, descrição de países e estabelecimento de um padrão de Geografia Regional.

O período que antecede ao período da sistematização é denominado por SODRÉ (1987:34), como o da "*pré-história da Geografia*". Tinha-se nesta época a consciência dos contornos que norteavam a superfície terrestre. A sistematização proporcionou uma visão articulada do espaço com informações de pontos variados da superfície terrestre, o conhecimento da extensão real e um aprimoramento das técnicas cartográficas. Depois dessas descobertas interessava ao sistema dominante a expansão do espaço conhecido, pois estruturava-se um novo sistema político, econômico e social, denominado pré-capitalismo, caracterizado pela produção para o mercado, trocas monetárias, preocupação com o lucro e pela inexistência de relações de trabalho assalariado.

A partir do final do séc XVIII, a ciência geográfica passa a ser vista e repensada como parte de um sistema, de uma unidade temática. Neste mesmo século estrutura-se a fase de transição, do capitalismo comercial para o industrial que surge com a Revolução Industrial, onde as relações sociais são redefinidas e se estrutura uma nova forma, através da qual a sociedade se apropria e transforma a natureza, revolucionando o processo de urbanização.

A constituição de uma economia mundializada centrada na Europa exige, além da descoberta, expandir a área de ação das sociedades européias e de todo o globo terrestre, ou seja, a formação de um espaço mundializado. Para que fossem incorporados novos territórios, necessitava-se conhecer a realidade local destes, penetrá-los e criar estabelecimentos para poder apropriá-los.

A falta de constituição de um Estado Nacional, a diversidade entre os membros da Confederação devido ao desenvolvimento do capitalismo sem romper com a aristocracia agrária e a inexistência de um centro organizador do espaço levou à

necessidade da discussão sobre o espaço, pois o conhecimento do mundo e o aprofundamento das relações homem-natureza ou sociedade-natureza era de grande importância para os grupos que aspiravam a união nacional a política e a disputa pelo mundo extra-europeu.

Desse modo, a sistematização da Geografia inicia-se na Alemanha, no século XIX, com a idéia de unificação nacional, através dos trabalhos de Humbolt e Ritter. Destacam-se, também, como fonte de sistematização geográfica, a estabelecida pelos pensadores políticos do iluminismo - Rousseau e Montesquieu que elucidaram as formas de poder e organização do Estado.

Na estruturação da sistematização, surge a Geografia Tradicional ou Clássica, caracterizada por uma visão naturalista, empírica, fundamentada por uma visão positivista que analisa o espaço absoluto através da observação, de trabalho de campo, da descrição homem x meio. Utiliza-se do método indutivo e da abordagem idiográfica que encara os acontecimentos como únicos, baseando-se principalmente na descrição.

As contribuições de Humbolt se deram, no sentido de que a Geografia era entendida como uma ciência de síntese de todos os conhecimentos, relativos a terra, uma disciplina sintética preocupada com a conexão entre os elementos, buscando, através dessa conexão, a causalidade existente na natureza. Propôs o "empirismo raciocinado", a intuição a partir da observação e preocupava-se em estabelecer leis gerais que explicassem o mundo em que vivia, relacionando povo, categoria social, com o meio ambiente.

Já a obra de Ritter é explicitamente metodológica. Procurou explicar a evolução da humanidade, ligando-a às relações entre o povo e o meio natural, fazendo, sobretudo, a descrição da sociedade. Baseado no idealismo de Shelling e no formalismo neoplatônico, admitiu que o todo é formado pela soma das partes e que da soma das partes poderia-se partir para a formulação de leis gerais válidas para toda a superfície terrestre. A Geografia de Ritter é regional e antropocêntrica.

No plano filosófico, destacam-se as contribuições de Kant. Para o autor a Geografia seria uma ciência empírica, baseada na observação e nas sensações, considera a

Geografia uma ciência de síntese, é mais do que um conhecimento comum porque sistematiza e classifica os fatos e está circunscrita na superfície da Terra.

Segundo destaca Ratzel, com a sua obra **Antropogeografia**, correspondeu aos anseios expansionistas do império de seu país, encarando o homem como uma espécie animal que tem um processo evolutivo e luta para sobressair-se, vencendo o mais forte, conforme a Teoria das Espécies de Darwin, havendo uma perfeita conexão, da ciência em geral com a classe dominante que inteligentemente a legitima. A concepção de Ratzel levou os geógrafos americanos e ingleses a acatar o determinismo. O homem é considerado um produto do meio. Estudou o Estado na Geografia Política, dando grande importância às noções de espaço e de posição, desenvolvendo a idéia do espaço vital. "... *A evolução se processaria através da luta entre as várias espécies, vencendo as mais capazes na sua adaptação ao meio natural*". (ANDRADE, 1987:54)

Assim, dois paradigmas alicerçaram o pensamento da Geografia Tradicional. Inicialmente a Escola Determinista ou Naturalista (alemã) fundada por Friederich Ratzel. Esta Escola considerava os fatores naturais superiores ao homem, o qual é obrigado a adaptar-se à realidade sócio-econômica que tem que ser aceita e vivida de acordo com a base filosófica positivista.

Já a Escola Francesa, que teve como principal representante Paul Vidal de La Blache, defendia uma nação progressista que teve prejuízos territoriais e precisava deslegitimar a reflexão geográfica alemã. Assim, enfatizava as ciências humanas, salientando que esta tem seu método próprio para o estudo da relação homem x natureza. Para ele, o homem sofre influência do meio, mas é capaz de transformá-lo. Baseando-se neste pressuposto, criou a doutrina Possibilista, em que o homem é reconhecido como agente transformador e atuante do meio. Suas obras mais importantes foram "**Gêneros de Vida**" e o "**Tratado de Geografia da França**" e foi, também, o fundador da revista **Annales de Géographie**.

Com trabalhos significativos, Alfred Hettner, em 1925, expressa como objetivo fundamental da Geografia "*o estudo da diferenciação regional da superfície terrestre*". (CHRISTOFOLETTI, 1985:12)

Essa concepção foi acatada por Hartshorne que argumentou sobre as dicotomias da Geografia Tradicional. Estas dicotomias são determinadas a nível de objeto pela Geografia Física e pela Geografia Humana; e a nível de método pela Geografia Geral e pela Geografia Sistemática. Dentre as suas obras destaca-se "**The Nature the Geography**", como também propôs para a Geografia duas formas de análise que são: Geografia Nomotética e Ideográfica.

A corrente filosófica denominada Positivismo, que fundamenta esta Escola, vê-se estruturada pelo Organicismo - que utiliza-se do método das ciências biológicas e naturais e da comparação entre a superfície terrestre e um organismo vivo; pelo Evolucionismo - que baseia-se na Teoria do Evolucionismo de Darwin, e pelo Funcionalismo - que trata de problemas que envolvem considerações estritamente empíricas das relações entre os elementos geográficos.

A doutrina do Racionalismo também mostra-se presente na Geografia Tradicional, pregando a valorização da dedução, contrapondo-se ao empirismo.

A herança ideológica e o positivismo impuseram à Geografia o cartesianismo, o comtismo (dado por Comte, que delineou os fundamentos do Positivismo lógico), o kantismo (dado por Kant, que elaborou a visão corológica) e a precisão, apoiada por Newton.

Os autores e obras que merecem destaque são: Emmanuel de Martone - **Traité de Geographie**; Elisée Réclus - **A Terra, o Homem e a Terra**, e **A Nova Geografia Universal** - Pietr Kropotkin, André Cholley, Jean Brunhes, Camille Vallaux, Max Sorre, Le Lannou, dentre outros.

Em nível de Brasil, é importante salientar o trabalho do periódico **Boletim Geográfico**, que se preocupa em publicar traduções de artigos estrangeiros. Este periódico é publicado desde 1943 pelo Conselho Nacional de Geografia e depois pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), constituindo-se assim de um valioso acervo bibliográfico.

No final da década de 50, a Geografia Tradicional entra em crise de renovação, mas deixa um elevado e rico acervo empírico, fruto do trabalho de

levantamento de realidades locais, as quais foram utilizadas para posteriores pesquisas. Do mesmo modo, essa corrente filosófica elaborou um corpo de conhecimento sistematizado com relativa unidade interna e indiscutível continuidade nas discussões. Falhou no sentido de que não conseguiu dar respostas satisfatórias, aos problemas que surgiram, pois restringiu-se apenas a identificação de problemas e pesquisas sobre lugares particulares. Também o instrumental de pesquisa não conseguia apreender a complexidade da atual organização do espaço, pois o momento histórico era outro. Vivia-se o período pós Segunda Guerra e necessitava-se novas respostas que tentassem explicar ou responder as exigências de uma nova realidade que se impunha. Necessitava-se do planejamento, da reestruturação do espaço. A base social que fundamentava o pensamento geográfico tradicional havia se alterado, assim como o modo de produção capitalista entra numa nova era, a monopolista. O Estado começa a interferir na economia, no planejamento territorial e o processo de industrialização tornou a realidade mais complexa com a urbanização, a mundialização da economia e a globalização do espaço.

A fundamentação filosófica assentada no positivismo foi superada. Nesse sentido foi feito um apelo as ciências para explicar a complexidade do espaço e responder a necessidade de reestruturação do mesmo. A Geografia que se limitava a descrever e a explicar a paisagem não poderia mais continuar a ser apenas idiográfica, corológica.

Avançam então as discussões e as idéias e surge uma nova perspectiva de abordagem, uma nova Escola chamada Nova Geografia. Tem-se a década de 1950 como o marco cronológico desta fase contemporânea da Geografia.

Esta fase apresentou-se como revolucionária por ignorar as origens da Geografia e desenvolveu-se inicialmente na Suécia, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, tendo forte repercussão na União Soviética e na Polónia. Por outro lado, encontrou forte resistência na Alemanha e na França.

Em 1953, Fred Schaefer marcou cronologicamente a tendência desta consciência renovadora, com a obra intitulada **Exceptionalism in Geography: a Methodological Examination**. Já em 1966, Manley propôs a nova denominação para a

Geografia, designada Nova Geografia, partindo de idéias e abordagens que começaram a difundir-se a partir de 1950.

Neste período foram apresentadas grandes formulações nomotéticas que facilitaram o uso da estatística. No ensino condenou-se as aulas práticas de campo, o uso de excursões por achar desnecessário a observação da realidade, substituindo o campo pelo laboratório onde seriam feitas as medições matemáticas, os gráficos e tabelas sofisticadas procurando visualizar a problemática através de desenhos e diagramas.

Intensificaram-se, neste período, os Estudos pela Geografia Econômica e Urbana, uma vez que, anteriormente, muito difundiam a Geografia Agrária como gênero de vida. Houve também o renascimento de estudos de poder político, sob aspectos econômicos e antropocêntricos que passavam a interessar quando foram relacionados às características espaciais e territoriais.

A filosofia que norteou o pensamento geográfico foi o Neo-positivismo, este considera que existe uma indeterminação entre a previsão e os acontecimentos futuros. Atribuindo maior importância a probabilidade do que a relação determinista causa-efeito.

Neste contexto SANTOS (1988:42) salienta que a:

"Nova Geografia se manifestou sobretudo através da Quantificação. Mas ela utilizou igualmente com instrumentos os modelos, a teoria dos sistemas (ecossistemas incluídos), a tese da difusão de inovações, as noções de percepção e de comportamento e da mesma maneira, as múltiplas formas de valorização do empírico e do ideológico".

Os fenômenos geográficos são explicados pela elaboração de teorias e verificadas através de hipóteses. O espaço de análise considerado é o relativo. Onde, segundo SANTOS (1988:26), o espaço relativo é aquele que :

"... põe em relevo as relações entre objetos e o que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação uns com os outros. Assim, se tivermos três localidades A, B, e C estando os dois primeiros fisicamente próximos, ao passo que C está longe mas dispõe de

melhores meios de transportes para A, é possível dizer, em termos relativos espaciais, que as localidades A e C estão mais próximas entre si do que A e B".

Várias obras surgiram para enriquecer a Nova Geografia, dentre as quais destacam-se as seguintes:

Em 1969, Willian Bunge, através de "**Theoretical Geography**", obra clássica e fundamental para compreensão moderna da Geografia como ciência espacial, especifica as técnicas e métodos aplicados para análise locacional.

Peter Haggett redigiu a "**Location Analysis in Human Geography**". Ian Burton, em 1963, escrevia que a revolução quantitativa havia feito de nossa disciplina uma ciência respeitável, pois a procura de uma linguagem matemática em Geografia era o resultado de um cientificismo que a Geografia procurava. Os métodos matemáticos são considerados como os mais dotados de um valor de precisão e isto seria obtido por uma combinação, onde as análises de sistemas e modelos seriam fundamentais.

Em 1967 Richard Chorley e Peter Haggett reuniram ensaios sobre a aplicação de modelos nos vários setores do conhecimento geográfico e publicaram a obra "**Models in Geography**".

David Harvey em 1969 abordou o tema "**Explanation in Geography**" o qual trata o aspecto metodológico, abordando o problema epistemológico da Geografia. Este autor procurou distinguir entre a perspectiva metodológica e filosófica, observou que a metodologia está relacionada com a natureza da Geografia. Analisa o problema das explicações nas ciências sociais, naturais e na Geografia. Esta discussão se desenvolve em torno da função das teorias, leis e modelos mostrando a importância assumida pelas técnicas quantitativas nas análises geográficas.

A respeito das técnicas mais utilizadas para análise geográfica destacam-se as Medidas de Tendência Central, as Medidas de Dispersão, Método Ayyar, etc. Atualmente, utiliza-se o SIG (Sistema de Informação Geográfica) e a cartografia digital.

Para fortalecer a preocupação com o planejamento, seja em âmbito urbano, regional, ambiental ou rural, a Geografia Quantitativa conta com o uso de modelos. E, para

facilitar o estudo dos conjuntos complexos que são as organizações espaciais - temos a abordagem sistêmica, que instrumentaliza conceitualmente o geógrafo. A contribuição da aplicação da teoria dos sistemas serviu para localizar e delinear com exatidão as linhas do estudo geográfico.

Salienta-se também que as organizações espaciais são compostas por dois sub-sistemas: o sub-sistema sócio-econômico que representa a organização espacial gerada pelas atividades humanas; e o sub-sistema geossistema - que corresponde à organização espacial do meio físico (CHRISTOFOLETTI, 1985:17).

No Brasil, esta tendência começa a aparecer na década de 70, onde temos uma publicação importante realizada pelo IBGE sobre as tendências atuais da Geografia Urbano-Regional - Teorização e Quantificação, sob a organização de Speridião Faissol (1978). Em 1971 foi fundada a Associação de Geografia Teórica, que patrocinou a realização de cursos, conferências e a publicação do **Boletim de Geografia Teórica e da Revista - Geografia**.

Neste período o governo militar estava consolidado e procurava integrar a economia brasileira como dependente à economia mundial, e projetava um crescimento da economia brasileira que a levaria segundo a propaganda, a colocar o país entre as grandes potências.

O governo brasileiro acionou a fundação do IBGE que dispunha de ricas informações estatísticas e de um corpo de geógrafos que, em parte, apoiou a utilização dos novos métodos. Desprezaram a orientação francesa, promoveram a vinda de americanos e ingleses para ministrar cursos no Brasil e através de livros e da **Revista Brasileira de Geografia**, divulgaram os novos métodos e técnicas. Os encontros promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) também foram utilizados como tribuna de divulgação.

Passada a fase áurea do crescimento capitalista, pós-guerra da Coréia, sobreveio a crise de uma série de problemas ligados à recessão econômica e a desestabilização dos regimes autoritários do terceiro mundo. Os geógrafos quantitativistas compreenderam a fragilidade de suas postulações e se dividiram em dois grupos. Um

liderado por Harvey, que aderiu ao Marxismo talvez fazendo uma leitura positivista dos ensinamentos de Marx e outro grupo liderado por Brian Berry que procurou atenuar a agressividade dos quantitativistas e desenvolver reflexões sobre a Geografia, utilizando de forma menos ortodoxa: as matrizes, a análise fatorial e os instrumentos matemáticos.

A Nova Geografia não rompendo os laços teóricos e filosóficos com a Geografia Tradicional, procurou completá-la com a cientificidade e lógica, deixando assim sua importante contribuição para o contexto geográfico, uma vez que representa uma linha de opção para tal.

De acordo com SANTOS (1990:80):

"O maior pecado da "New Geography", foi o de estreitar os horizontes da disciplina e de empobrecer sua interdisciplinaridade, quando justamente, aumentava o número de ciências capazes de ajudar nossa elaboração teórica".

Enquanto o comum é desenvolver um trabalho sob encomenda da classe dominante, surgem geógrafos que colocam-se contra a estrutura do poder e posicionam-se por uma Geografia clibertária. São eles ELiséé Réclus (francês), e Piotr Kropotkin (russo). O primeiro acumulou grande bagagem cultural como viajante, professor e exilado, reunindo material para escrever grandes e importantes obras. A **Terra, Nova Geografia Universal e O Homem e a Terra**. O segundo, como militar, realizou levantamentos topográficos e geográficos, vindo mais tarde a abandonar o exército e dedicar-se somente ao estudo e à pesquisa. Segundo ANDRADE (1987:62):

"... só recentemente, quando o capitalismo atingiu o apogeu, agravando as condições de vida da maioria da população e grandes contingentes populacionais, passaram a ter acesso à leitura e à reflexão, é que se vem observando uma espécie de recuperação da obra dos dois grandes geógrafos, provocando a difusão e a discussão dos mesmos. Observa-se assim que a neutralidade da Geografia, tão defendida pela escola clássica, é um meio, e que hoje a geografia do poder se vem contrapondo, embora de forma descontínua, a uma Geografia do Povo".

A mudança de paradigma torna-se imprescindível, pois as situações sociais evoluíram e com ela houveram grandes transformações, na qual a ciência deverá mostrar-se em condições de compreender, analisar e solucionar a sistemática da realidade.

Necessitava-se a introdução de uma reflexão na Geografia, que atendessem aos interessados em compreender as causas da crise que abatia o mundo, crise esta que se mostrava através do crescimento desordenado, da globalização, da tentativa de consolidação do processo de recolonização e dominação absoluta do terceiro mundo pelas potências imperiais, dos custos sociais e políticos, impostos pelo capitalismo, pois nas décadas de 60 e 70 ficou evidenciado que o crescimento acelerado não beneficiaria os países subdesenvolvidos e ainda contribuiria para aumentar as diferenças sociais, fazendo crescer a miséria no terceiro mundo.

Paralelamente à renovação geográfica da década de 60, nos Estados Unidos surge uma nova Escola geográfica, com relações contrárias, que seguem em diferentes prismas de concepções ideológicas, onde é questionado a metodologia da Geografia Tradicional e o uso abusivo de técnicas quantitativas na Nova Geografia em seu estudo geográfico. Esta nova escola intitula-se Geografia Radical ou Geografia Crítica.

Esta década evidencia-se pelo surgimento de uma série de obras literárias e movimentos que impulsionaram esta linha de pensamento. Os movimentos de lutas civis nos Estados Unidos, pelo direito dos negros e das mulheres, contra a guerra do Vietnã, pela contracultura, bem como a expansão de fronteiras, a crise da poluição e a urbanização. Foram fatos que representavam a importância dos processos sociais, o nascimento das formas de lutas e reivindicações que se consolidaram de forma mais significativa na década seguinte. Evidenciando-se, assim, os processos sociais ligados aos aspectos sociais, econômicos e espaciais.

A Geografia Radical fundamenta-se no pensamento marxista que analisa os modos de produção e as formações sócio-econômicas. Encontra suporte teórico-metodológico no Materialismo Histórico - que evidencia o ser social, os meios de produção e a formação sócio-econômica e no materialismo dialético - que baseia-se na matéria, na dialética e na prática social.

O espaço relacional é o seu objeto de estudo sendo encontrado os seus aspectos físicos bem como o social. O que o dinamiza é o aspecto sócio-econômico, é a atividade humana que o torna dinâmico, susceptível de alterações no seu espaço de análise.

Na análise do espaço são atribuídos quatro categorias que são: estrutura, forma, função e processo que definem o espaço em relação a sociedade, onde diz SANTOS (1990:176),

"... o ser é a sociedade total, o tempo são os processos e as funções, assim como as formas são a existência. As categorias fundamentais do estudo do espaço são, pois, a totalidade e o tempo, mas como o acontecer sobre o espaço não é homogêneo, a noção de lugar e de área se impõe, impondo ao mesmo tempo a categoria de escala, isto é, a noção de fração do espaço, dentro do espaço total".

Estas categorias de análise devem apresentar um relacionamento funcional e estrutural, com a totalidade espacial e temporal envolvendo o ser antrópico.

A adoção do procedimento dialético num espaço relacional e total onde se estuda o aspecto visível, todas as atividades desenvolvidas, a interligação dos objetos, sua natureza sócio- econômica e a ação contínua que ocasiona mudanças, faz com que a Geografia Crítica ganhe espaços e defensores, entre os quais temos no Brasil, Milton Santos, que analisa esses elementos na obra *Espaço e Método*, 1985. Dentre as obras de Milton Santos evidencia-se ainda: *Por uma Geografia Nova, Espaço e Sociedade, Novos Rumos da Geografia Brasileira, Pensando o Espaço do Homem, O Espaço do Cidadão* e o *Trabalho do geógrafo do Terceiro Mundo*. Ainda sobre a preocupação teórica e epistemológica da Geografia destacam-se Rui Moreira, Caio Prado Junior, Manuel Correia de Andrade e outros, que também analisam os processos sócio-econômicos decorrentes da ordem internacional vigente. Assim, esse é um período bastante rico para a Geografia brasileira, onde se destaca o interesse pelo aspecto social bem como pela ação antrópica na Geografia Física.

Para Milton Santos é necessário discutir o espaço social e ver a produção do espaço como objeto. O espaço é um fato social, produto da ação humana. A natureza

socializada é explicada pela produção, levanta a polêmica questão da organização espacial como instância da sociedade. O Estado é agente de transformação, difusão e dotação.

Deste modo, conforme MORAES (1992:124):

"O Estado manifesta o modo de produção nas várias porções da Terra e é por este determinado. O processo de modernização estimulado pelo Estado obedece a lógica do capital e não aos interesses do homem... É este que define o uso dos solos, a apropriação da natureza, a relação entre os lugares, a organização do espaço".

Este é um período de reavaliação dentro da ciência geográfica no qual o ímpeto e a forma passional de interpretação e análise dão espaço a um trabalho de análise amplamente fundamentado e amadurecido, onde temos estudiosos que partem da Geografia Física, mas conscientes de que, segundo SANTOS (1994a:90),

"... não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há na verdade, é uma geografia do homem que podemos subdividir em geografia física e humana".

Da mesma forma, a Geografia Humana abre novos horizontes ao apontar uma perspectiva de engajamento social, de atuação crítica dos geógrafos junto à sociedade, ao espaço geográfico. Atuação sobre e com o espaço físico que denominamos "conciliação" à medida que busca-se a análise dialética, visto que não são opostos, são do mesmo material embora de difícil manipulação e de difícil construção.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste apanhado sucinto de idéias e abordagens que envolvem a evolução do pensamento geográfico, a reflexão vem à tona e com ela muitas indagações.

O atual momento histórico que estamos vivendo, momento este de crises, desmoronamento do socialismo, globalização do espaço pelo avanço tecnológico nos mostram, de um lado, os grandes avanços da ciência, e de outro, contestando este avanço

que beneficia apenas uma minoria, estão, segundo Andrade "...grupos tribais e nacionais que lutam contra o estado de fome e de miséria que lhes é imposto". (ANDRADE, 1994:8).

O grande desafio para nós, geógrafos, é procurar soluções para os problemas sociais como o do desnível de desenvolvimento regional e a pobreza. Também contribuir na busca de alternativas para a compreensão da organização do espaço, a dinâmica do conjunto compreender o espaço em sua trajetória de formação, que trás em si todas as contradições do processo de construção do espaço e da sociedade, compreendê-lo para conseguir movimentar-se no seu interior e ter condições de agir para transformá-lo.

4. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M.C.de. *Uma geografia para o século XXI*. São Paulo : Papyrus, 1984.

_____. *Geografia, ciência e sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo : Atlas, 1987.

_____. *Perspectivas da geografia brasileira. Trajetória e compromissos da geografia brasileira*. In: 5º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, *Anais*, Curitiba, v.1, 1994.

BEZZI, M.L. & MARAFON, G.J. *Manual didático sobre a evolução do pensamento geográfico*. Santa Maria : UFSM, CCNE, 1992. (Inédito).

CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da geografia brasileira*. 2. ed., São Paulo Difel, 1985.

CORRÊA, R.L. *Região e organização espacial*. 3. ed., São Paulo : Ática, 1990.

FERREIRA, C.C. & SIMÕES, N.N. *A evolução do pensamento geográfico*. Lisboa : Gradiva, 1986.

MORAES, A.C.R. & COSTA, V.M. da. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. 2. ed., São Paulo : Hucitec, 1987.

MORAES, A.C.R. de. *Ideologias geográficas, espaço, cultura e política no Brasil*. 2. ed., São Paulo : Hucitec, 1991.

_____. *Geografia: pequena história crítica*. 11. ed., São Paulo : Hucitec, 1992.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo : Nobel, 1988.

_____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 3. ed., São Paulo : Hucitec, 1990.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3. ed., São Paulo : Hucitec, 1994a.

_____. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico. In: Formacional*. São Paulo : Hucitec, 1994b.

SODRÉ, N.W. *Introdução à geografia: geografia e ideologia*. Rio de Janeiro : Vozes, 1992.

VESENTINI, J.W. *Geografia, natureza e sociedade*. São Paulo : Contexto, 1989.

_____. *Geografia crítica e ensino*. In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, *Anais*, Belém, 1993.

RESUMO: A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

O presente trabalho procura fazer um resgate da evolução do pensamento geográfico. Apresentam-se assim, contribuições que marcaram a Geografia nas distintas Escolas Geográficas. Tal abordagem caracteriza acontecimentos históricos, concepções, ideologias, paradigmas, dicotomias e pensadores, ou seja, todas as relações desta ciência com o mundo em sua totalidade. Pretende-se contribuir, deste modo para que a Geografia seja refletida em seu passado, presente e em suas tendências futuras.

Palavras Chave: História da Geografia, Mudanças, Paradigmas, Contribuições, Tendências.

ABSTRACT: GEOGRAPHIC THOUGHT EVOLUTION

This work tries to make a redemption of the Geographic thought evolution. So, contributions that marked the Geography in distinct Geographic Schools are presented. Such approach will characterize historical events, conceptions, ideologies, paradigms, dichotomies thinkers, or the world in its totality.

One is tending to contribute, this way, to the possibility that the Geography may be reflected in its past, present and in its future tendencies.

Key Words: Geography History, Changes, Paradigms, Contributions, Tendencies.